COIMBRA--BERÇO DA LIBERDADE

ESTUDANTES DE 1821

eal Collegio das Artes. Era ahi que o examinador apurava as habilitações do candida to, julgava-lhe os conhecimentos adquiridos nas aulas régias e lhe certificava o preparo remettendo-o á universidade. Mas a gramnatica latina, a philosophia racional e mora e a rhetorica bastavam. A academia não exiria mais, e o Estado contentava-se com isso Sahiu-se o futuro marquez de Abrantes

calhardamente nesses actos, prestados a 11 14 e 26 de Outubro de 1816 (1) E matriculouse no dia 30. (2).

Coimbra vibrava de estranhas excitaç Sacudia-se violentamente, numa ebulição e numa desordem. Dividia-se, entre a velha monarchia e a liberdade. Porejava o idealismo, o motim, a inconfidencia, a fidelidade (3) Era a mocidade que lia, observava, sonhava Os jovens que a Revolução Franceza alimentára com o nectar e o mel da sua immaterialidade. Os filhos da nevrose de 89.

Brissot, Volney, d'Holbach substituiam nos pateos o eminente Péga, o grande Meilo, Cujacio e Pothier. Começava a discutir-se Chateaupriand, a Steel, Gosth, que levanta ram à anarchia espiritual os muros floridos da arte — e Montalembert alliciava nas bernas, Chenier encantava nas betesgas, Ma rat aterrorizava nas esquinas os estudantes pallidos de samarra e capinha. Havia entre olles republicanos, havia regicidas, havia constitucionalistas serenos, havia democratas, girondinos e jacobinos, conspi radores inoffensivos e, na época de exames inimigos atrozes da coroa e da igreja. Importara-se da Allemanha a sociedade secreta Com alguma doutrina ingleza, o exemplo de Paris, a suggestão Haliana, a associação de rapazes se transformou em maçonaria politica. Ia surgir, vasta, activa, subtil, a "Jardineira", ramificada em Portugal, estendida as ilhas (4), transmigrada para o Brasil, um segredo a alar uma idéa. Prinpalmente, a uni-

A despeito dos lentes sórnas e bondosos estereis como a sebenta; apesar da reitoria conde de Arganil, ecclesiastica do lucido amigo de brasileiros, pombalino, cortezão, humanista, porém de quem se disse fora para Coimbra o que para a India fora Affonso de Albuquerque (5); não obstante os pesados Estatutos, a inquisição, a intendencia de policia, tres pilares da ordem que fechava o horizonte, enorme como montanhas.

Dir-se-ia que o espirito nacional mecido cá fóra, na metropole exhausta e decahida, se refugiara naquellas casas veneraveis que o rei D. Diniz fundara. E as dores da patria, arruinada pela guerra, despertavam nessa multidão ladolescente espantoso, que rolava feito poesia, epigramma, pelos quatro cantos do Reino. Os moços portuguezes pediam a restau

ração do paiz, o rei, uma carta, a preeminencia perdida, esse governo, placidamente aposentado no Rio de Janeiro já por dez annos. Que voltasse D. João VI!

desforra do Brasil. A sua independencia, com um principe ou sem elle, Imperio ou Republica, França de Napoleão ou America de Washington. A sua emancipação economica, a abolição das leis restrictivas do commercio, uma representação diplomatica, um exercito, uma armada, uma Constituição,

Reuniam-se aproximados pelo anhelo de que era de todos, ora no quarto sombrio de um quarto annista de Minas Geraes, ora na mansarda, com livros a um canto, de um segundo annista bahiano mestiço, forte, violento... e ali, e aqui, professavam a fé, cada dia alentada, na sua terra, no futuro... Liam alto a obra recente do abade de Pradt, a gazeta de Hippolyto da Costa, alguma historia da guerra dos Estados Unidos, o aprazivel Godwin... Os seus nomes eram Bernardo de Vasconcellos, Brandão Montezuma, Pedro de Araujo Lima, José da Costa Carvalho, Candido José de Araujo Viana, Honorato José de Barros Paim, Manoel Alves Branco, Joaquim Marcelino de Brito, Piaheiro de Vasconcellos, Araujo Basto, Francisco Gomes de Campos, o maranhense Joaquim Vieira da Silva e Souza, denunciado membro da "Jardineira" (6) — e, em 1820, Manoel Oderico Mendes, Candido Baptista de Oliveira, Prudencio Geraldes Tavares da Veiga Cabral, Honorio Hermeto Carneiro

Não lavia então, na cidade universita-ria, quem não tivesse um partido, um juramento, uma senha, um mysterio. O romantismo, que o seculo XVIII projectara sobre o seguinte como uma doença literaria, mal de sensibilidade, de tristeza, de inquietação achara na vida escolar um encanto medieval, de sigillo corporativo, de fermento mystico, de trama intellectual. Os autores eram symbolos, como os heroes. Disputavase por Bocage e por José Agostinho de Macedo (7), por Tolentino e por Felinto, como por Bonaparte. Os partidarios de um poeta insultavam a cor parsaria do outro poeta, e nos botequins ao longo do Mondego, que as tricanas povoavam, os fanaticos avinhados trocavam-se versos como balas.

Quando Manoel Fernandes Thomaz encetou a propaganda constitucional, Coimbra não era số uma idéa, era uma força -"infernal energia do espírito revolucionario" de que falava Burke. Macedo e Bocage desappareceram do

fundo do quadro, e surgiu um idolo novo. Surgiu a Carta.

Os actos do curso jurídico marcaram para estudante bahiano triumphos successivos. Em 4 de Junho de 1817, livrava-se do primeiro anno, em 14 de Maio de 18, transpunha o segundo, em 4 de Junho de 19, forrava-se do terceiro e deixava atrás o quarto anno em 21 de Junho de 1820.

As férias corriam entre Junho e Outu-bro e conincidiam com a canicula dos estios asperos.

valiam-se dellas os academicos, para o en salto a Lisboa, um mergulão no campo, fuga para o Minho, a excursão ao Ribatejo, nde sempre os surpreendia o outomno, ende sempre os surpreendia o outomno, ende sempre os surpreendias o Em Lisboa. onde sempre os surpreendia o outomno, en-tre os passaes e as villas brancas. Em Lis-boa poliam-se; nas quintas retemperavam-se. Só os tinha de novo a universidade ás ves-peras das aulas, quando o sino antigo espa-lhava pelo céo a sua musica alviçareira e a onda das capinhas varria as ruas burguezas, como uma revoada de corvos. De Junho a Ou-tubro os formigões da academia se proviam pensamento e de energia, que lhes não

dultura moderia. Mas resperava a tada e temia Coimbra.

Datava de 1818, o movimento, de franca revolta, impellido secretamente do Porto e que communicara às provincias a scentelha esperada. Abriram-se então as primeiras lojas magonicas que zelavam o fogo sagrado da liberdade, a "Sapiencia", a da rua dos Coutinhos, a do arco da Almedina (8), onde lentes, juizes, medicos, discreteavam-se sobre os males publicos — e de par com ellas surgia a dos estudantes, cujas reliquias descobertas em 1923, sobresaltaram nobreza e clero. A conjuração descou dos piveis elevados para a rua. O liberal, fosse qual fosse, era conhecido por "pedreiro livre". Execrado pelos padros, amado com uma supersticiosa admiração pela mocidade letrada, heroe, leigo e mysterioso, lançava a grande sombra na cidade chela de espanto. Por isso "os estudantes da universidade — na revelação de um testemunho — choraram, Gomes Freire, como se fosse parente querido de todos" (9).

choraram, Gomes Preire, como se fosse parente querido de todos" (9).

A revolução constitucional rebentou como um abalo scismico que sacode o solo com a violencia dos deuses. Era o tudo-nada da sociecade ameaçada nos fundamentos. O descontentamento geral que, sem uma valvula de refrigerio, estourara o velho envoluero da monarchia caduca. A inquietação espiritual que vinha do outro seculo, como um vento que soprasse do norte, arrastando o alude de papeis da Convenção — e a úrritação nacional que a crise economica levara á ultima extremidade. O povo não tinha pão (10), nem lh'o davam a terra magra e fintada e o commercio arruinado. A burguezia, com a abertura dos portos do Brasil ás nações, perdera os seus rendosos monopolios, e a nobreza, que dingia o paiz, não tinha rei — obstinado D. João em anafar-se no bucolico exilio do Rio de Janeiro. As classes indignadas apoiaram-se no exercito, que Bedford esmagava com a mão de ferro, e elle as levou, num passeio marcial, a Lisbõa, para a incruenta victoria. Num relance, Portugal tornou-se cartista, ociou o absolutismo, cobriu de injurias a obscura éra que passara e correu a opplaudir os perseguidos da vespera, os jacobinos que a corôa e a inquisição esmagavam na machina da sua policia, os bachareis afrancezados e os officiaes da milicia que detestavam inglezes. E a nova ordem de coisas se chamou — a regeneração.

Em 1820 cursou o nosso estudante o seu quarto anno de leis, teve o premio de 40\$000 que a congregação da Faculdade ihe conferiu "pelo distinto merecimento" e matriculou-se no quinto anno a 17 de Outubro (11). O exame final, prestou-o a 23 de Junho immediato, e sahiu formado, após as informações offerecidas pela congregação, (em 31 de Julho), presidida já pelo bispo conde, reformador rettor Fr. Francisco de S. Luiz (12).

Coincidiu com as suas despedidas da universidade a chegada do rei e logo dos deputados brasileiros ás Côrtes, que acabavam de ser convocadas para votar a Constituição política do Reino Unido.

litica do Reino Unido.

Lisbõa, séde do novo parlamento, era uma colmeia febricitante, onde as idéas exoticas, os homens eloquentes, as phrases de effetto, os interesses pessoaes agitavam todas as eepheras da sociedade. Centralizava a ebulição dos espíritos a assembléa constituinte. Não se sabia, no paiz, de coisa igual. Parecendose, para o cléro timido e para a aristocracta tradicionalista, com as antigas Côrtes da Nação, para os ardentes liberaes era quasi a Convenção franceza. E teria o condão de reverdescer o velho tronco exhausto da patria.

Os partidos delimitavam-se, os clubes abriam-se, necessarios á vida expansiva das facções, faziam-se discursos como jamais se discursos de demagogia copiada aos pamphletos de 92, campanudos de philosophias economicas tomadas de emprestimo a Turgot. E conspiravam, na sombria serenidade dos solares, os senhores de hontem, agora vencidos e suspeitos, os religionarios do throno agarrados ao seu dogma como á espada dos avós, os parciaes da casa de Bragança scindidos em grupos, que rodeavam D. João, bambo e lerdo, a rainha Carlota Joaquina roida de ambições e molestias, vacillante entre o amor do filho D. Miguel e do irmão o rei D. Fernando de Hespanha, e o Duque de Cadaval, D. Nuno, que vagamente aspirava á corõa. Tramavam os ecclesiasticos, alarmados com a maré de maçons que inundara o reino. E a conjura dos brasileiros reflectia as successivas transformações por que atravessava, na America, o governo real.

Nesse meio de enthusiasmos quentes a in tuição civica do bacharel de Coimbra, que an tes de regressar ao seu paiz lançava sobre o acontecimentos um olhar de profunda e emo tiva curiosidade — se orientou para um objectivo pratico. Era interessar os brasileiro que estavam em Lisboa na independencia de progreti.

Erasil.

Impressionado pelas noticias lamentaveis que lhe chegavam da Bahia (13) sentiu a necessidade de criar ali uma solida recistencia aos desmandos da política recolonizadora. Os soffrimentos do seu povo, os disturbios tragicos de Fevereiro, a imminencia da sedição, que ameaçava envolver a sua provincia nas labaredas de uma guerra intestina, sacudiram-lhe as cordas da sensibilidade, apurando o instinto político, que o arremessava ás lides sociaes como ao campo preferido da sua actividade. Demais disso, compenetrara se da gravidade da hora nacional, intelrara se das proporções do conflicto, reconhecera a opportunidade ha tanto tempo esperada e recebera na maçonaria academica as vibrações iniciaes de um sentimento que nenhum poder humano submeteria mais.

academica as vibrações iniciaes de um sentimento que nenhum poder humano submeteria mais.

Portugal libertava se. O Brasil libertarse-ia tambem — sem elle e contra elle.

Não precisava da metropole para viver, senão he esvaziava nos cofres insondaveis os seus fabulosos recursos, que eram a propria prosperidade irremediavelmente sangrada canalizada num escoadouro perenne. Era mais populoso e rico do que ella, como já no fim do seculo anterior notara Thomas Jefferson e no correr desse primeiro quartel do XIX registraram os viajantes estranjeiros que o estudaram. Os seus climas propiciavam todas as culturas, o seu commercio interessava a Europa inteira, fornecendo-lhe ás industrias a materia prima, o seu povo, mestico e rijo, de raizes pouco fundas, porém alastradas pela terra fertil e formosa, mostrava qualidades raciaes apreciaveis e novas. Lograra compor uma unidade espiritual, que cra a propria lingua commum fa ada do Amazonas ao pampa do sul; uma conscient instorica, forjada ao calor de lutas ferozes pela posse do solo; um sentimento de patria avivado pela valorização do paiz; fecundado pelo trabalho, pelo drama da sua defesa, pela crise do seu alargamento contra as frenteiras con tinentaes, pelo contraste estabelecido entre os seus rapidos progressos e a decadencia portuguea Abrantes tinha em alto grau a receptividade, que distingue dos idealistas os temperamentos políticos empiricos. Transformavam naquelle tempo, a sua sizuda visão de erudito e a sua instinctiva descontiança de inexperiente. Apenas sahido da universidade — como se desculpava no Relatorio do Conselho Interino de Governo, dois annos depois — havia de ver mal e atraves dos vidros subtis da sua leitura, outra fonte de experiencia, mas subjectiva e illusoria como a miragem, retrato das realidades, e no emtanto engano só. Ganhou progressivamente o dominio de si mesmo, que lhe facultaria empolgar-se pelos phenomenos sociaes directamente observados; mas desde os primeiros annos de poitro o singularizou a agilidade do espirito lucido e mathematico,

perfores. A independencia, imputation a classica e pri hante de dissidio pelejado em junta provisoria como numa Acadenia e nos campos de batalha como numa guerra. Disse Machiavel dos políticos ambiciosos que, "sem a, occasião, talento e coragem lheseram inuteis, e sem as suas qualidades pessoaes a occasião se apresentaria vumente". Os nossos, dao-nos a implessao da coragem e do talento, de que fala o florentino, sem a occasião, em cujo manejo, na phrase de Luiz XIV, consistia toda a "arte da política". Embora a occasião tosse 1822, fosse a guerra das Provincias Unidas, tosse a abrilada, a Regencia, a maioridade, a phase heroica do Imperio, e, já do outro lado da vertente, as joundas da consolidação jurídica das liberdades da representação com a eleição directa, do escravo com a abolição, da provincia com ofederalismo, da consciencia com a separação.— Paiz de origem nimiamente economica, onde as favoucas tropicaes enriqueciam o imigrante não passára o Brasil senão episodicamente pelas crisca que farçam a revelação das individualidade, provinciação da força da farça da vida rural só excepcionalmente consentiu no fermento revolucionario, que produz o grande homem de Estado como o choque das electricidades géra o raio. Não abrigou a "obstrucção" jacobina, que Taine estudou, o mysticismo democratico que foi "a grave doença mental" das revoluções da Inglaterra e de França, a superstição da força, objectivada no "desejo de poder" (15), que Discaeli dava por allierce do Estado (16), a educação política que elege para a classe dirigente as vocações. Não é navegador dos largos mares que escõa o barco entre os parceis e lhe abre o porto de salvamento. E' o pratico, que não olha as estrelas, mas a agua profunda, não vé os mappas, senão os cochedos da costa, e ignorando os segredos da solargos mares que escõa o barco entre

Em 1821 e 1822, o Brasil mal se prendia â metropole pelo laço pessoal do soberano. Escrevendo ao rei seu pae o Principe D. Pedro comparara esse laço ao retroz podre... A propria lei da gravidade determinava a ruptura, sem se fazer mistér de um Bolivar, que unisse as provincias, de um San Martin, que as conquistasse, de um Rivadavia para organizal-as, entre o tumulto de uma revolução e a tregua de uma guerra. Tinhamos o principe, que concordara em ficar, feito imperador, a coroar-se ne Rio de Janeiro, com a silencio-sa sympathia da Inglaterra e a hostilidade desarmada da Santa Alliança. As guarnições portuguezas ou adheriam a nova ordem do coisas ou eram expulsas pelo proprio regente: apenas na Bahia, no extremo Norte e em Montevideo um exercito portuguez, que valiamais pelos chefes resolutos que pela força de que dispunha, aguardava fatalista, de armas ensarilhadas, o seu destino deploravel. Na propria corte de D. João VI a Independencia do Brasil recrutava proselytos, como o Conde dos Arcos: poucos Portuguezes aqui residendo Brasil recrutava proselytos, como o Conde dos Arcos; poucos Portuguezes aqui residentes dissentiam de D. Pedro, offerecendo-lhe uns a lição da experiencia, outros o seu dinheiro, muitos a sua espada, como se a luta travada fosse entre duas pessoas da mesma familia, não entre duas patrias. Por isso se julgou que a separação do Brasil era um conchavo domestico (15), e a epopéa da Independencia — o que é tão falso — um simulacro soffrivelmente theatral.

dencia — o que é tão faiso — um simulacro soffrivelmente theatral.

De facto, a economia portugueza despertou no reino um clamor desesperado, de que se fez órgão o Congresso Constituinte, sem dar pela incoherencia entre o seu alto liberalismo, de applicação interna, e a mentalldade colonial retardada e brutal, do tempo do Rei D. José. E, graças a essa subita reacção, que provou as ultimas energias da metropole, a dominação lusa persistiu por alguns mezes mais nas provincias em que as Cortes tinham bravas e teimosas sentinelas. Madeira, Fidié, Macedo. Principalmente subiu das ruas a agitação compressora, forçando ás attitudes extremas, ao desfraldar de bandeiras, ao desfile dos regimentos. A população de Lisboa, tomada de um espontaneo horror ao futuro triste que se lhe antolhava sem o Brasil, ululou nas praças a indignação que rebojou, como o furação, nos recintos parlamentares e nas secretarias d'Estado. Os Brasileiros sorfreram os vexames, a suspeita, a feroz perseguição da demagogia espertada e doide-jante.

Foi nesse ambiente que o moço bacharel esperou a chegada dos Deputados da Bahia, portadores do pensamento de sua provincia, que devia, mais uma vez, confundir-se com o do paiz todo.

Pedro Calmora

(Do livro, inedito, "O Marquez de Abran-

(1) Livro de Exames de latinidade, voiume 4, f. 96 v., de Logica, v. 4, f. 23. de Ruetorica e Historia, v. 3, f. 17 v., do archivo da Universidade de Coimbra, inéd. (2) Livr. de Matriculas, v. 44, f. 26. do archivo da Universidade, 1816-1817, ms. inéd. (3) Joaquim Martins de Carvalho, Apontamentos para a Historia Contemporanea, p. 32, Coimbra 1868, Almeida, Garrett, Nota G. a "Frei Luiz de Souza", ed. pref. por Th. Braga, (4) Sociedade dos "Jardineiros" "principalmente organizada por bachareis novos e estudantes de Coimbra", of, officio do governador da Madeira, de 18 de Outubro de 1825, Archivo de Marinha e Ultramar, doc. n. 8. 956, vol. 2° p. 181. — J. Martins de Carvalho, op. cit., p. 56, revela que a casa occupada pela sociedade fora arrendada por tres estudantes. (5) Dr. A. José da Rocha, Oração funebre das exequias de D. Francisco de Lemos, p. 13 Coimbra 1822. (6) Nicolão Joaquim Moreira, Elogios Historicos, Rio, 1865. O Deputado Maneel Jacintho Nogueira da Gama, numa sessão da Constituinte de 1823, falou em "settas de carbonarios, de jardineiros e de outras... (Agenor de Roure, in Rev. do Inst. Hist. Bras., vol. VI, Congresso de Hist. da America, p. 464.) (7) Mendes dos Remedios, Historia da Literatura Portugueza, p. 433. (8) J. Martins de Carvalho, op. cit., p. 48. (9) J. G. de Barros e Cunha, Historia da Liberdade em Portugal, v. I, p. 310, Lisboa, 1869. (10) Porto Seguro, Hist. 31 Independencia do Brasil, p. 34, ed. da Rev. do Inst. Hist. Bras. tome 79, parte I, (11) Livr. "Registro de Provimento de Premios" (1783-1852), fol. 351. Ms. do archivo da Universidade, inéd. (12) Livre de "Informações desde 1808 até 1821", ms. do archivo da Universidade, inéd. (12) Livre de "Informações desde 1808 até 1821", ms. do archivo do inst. Geogr. e Hist. da Bahia, inéd. (14) "Um Estadista do Imperio", v. I., p. 3 Paris, 1897. (15) Alphonse Seché, Le Dictateur, p. 59, Paris, 1904. (16) A Maurois, Disraeli, (17) Vd. "Inviolabilidade da Independencia e Gloria do Imperio do Brasil sustentada apesar da carta de lei. Refl